

## ESCREVIVENDO A LIBERDADE: O PAPEL DA LITERATURA NAS PRISÕES

RESUMO: Neste texto procuramos mostrar, em primeiro lugar, como os (as) presos (as) expressam, em diferentes linguagens, o que significa para eles (as) liberdade. Predomina, aqui, o pensar e agir deles (as), uma vez que nossa preocupação sempre esteve voltada para registrar a realidade de suas vidas que conseguiram romper a potência devastadora de uma estrutura aparelhada e que define, a seu bel prazer, quem vive e quem não. Quem transita e quem não; quem tem seus corpos expostos à violação e quem não; quem assume a dor e quem não; e o que nos parece mais cruel: quem pode amar e quem não! Neste sentido, o texto traz a materialidade que dá voz àqueles (as) que têm dentro de uma “instituição total” (GOLFFMAN, 1974: p. 11), a condição natural de sujeito desprezado pelo Estado. Dar voz a alguém ou alguéns, é entender que esse outro fala e procura um lugar para sua enunciação, porque falar é existir plenamente para o outro. (BAKHTIN, 1992: p. 289-326) porque falar é o ato que dá ao subalterno, aos “Condenados da Terra (FANON, 2005: p. 13)” \* a possibilidade de escapar à sua condição de miséria.

*Palavras-Chave:* Liberdade. Praxis. Literatura. Ato de falar. Discurso. Narrativa. Autonomia dos sujeitos.

## INTRODUÇÃO

Um dos conceitos mais importantes da Educação Popular diz respeito à *investigação – ação – participação* (Jara, 2012: p. 52-222). Isto significa que o (a) educador (a), pesquisador (a) precisa mergulhar, fazer uma inserção ativa na realidade dos **SUJEITOS**, no caso, presos (as), a fim de conhecer o contexto no qual vivem, suas linguagens, bem como as ocorrências de suas vidas cheias de revoltas, silêncios, esperanças, expectativas, etc. E isto só é possível através de um movimento cíclico, no qual entram, simultaneamente, a *investigação – ação – participação*. Impossível separá-las. Este é o passo mais importante e necessário para quem se dispõe a desenvolver uma prática educativa emancipatória.

No entanto, devemos ficar atentos (as) para o passo seguinte, que é a *sistematização* de tudo quanto foi captado nas fases anteriores. Nada de improviso! E cuidado, muito cuidado para não cairmos no ativismo – a prática pela prática – sem termos um arcabouço teórico para iluminar nossa prática. Ou em outras palavras: a praxis, isto é, a unidade histórica e concreta da

\* Frantz Fanon nasceu na Martinica, departamento francês no Caribe. Mudou-se para a Argélia. Aderiu à Frente de Libertação Nacional. Foi preso e teve que se exilar em Túnis. Morreu de leucemia aos 36 anos em 1961. Os “Condenados da Terra” foi seu último livro, censurado logo que saiu. O livro convoca à insurreição os negros, os sem-terra, os sem-teto, os amaldiçoados, todos do Terceiro Mundo. Foi escrito durante a guerra argelina pela independência da França. Sua voz ainda hoje ressoa porque o racismo e a rebeldia continuam atuais. Ao falar sobre os colonizados e dominados dizia: *É um mundo sem intervalos, onde homens e casa se amontoam... É uma cidade de negros.* Hoje a voz de Fanon permanece atual e continua ecoando como nas palavras da cantora Elza Soares sobre a morte de Marielle Franco: *A carne mais barata do mercado é a da mulher negra. É a que vai de graça para o presídio, a que apanha, morre na esquina, a que é doadamente caçada.* (Elza Soares. In: Folha de São Paulo, 25/03/2018, B12)

teoria e da prática, do saber e da ação. Nenhum (a) educador (a) pesquisador (a) pode conhecer a realidade sem se colocar em contato com ela, isto é, viver dentro da própria realidade. Por outro lado, a importância da teoria dá-se justa e unicamente porque ela é um guia para a ação transformadora do mundo, finalidade primeira e última da educação popular, a via educativa dos oprimidos, despossuídos e *in-humanos* (ARROYO, 2019: p. 5). Tenhamos, pois, nas nossas mentes que a *dependência da teoria em relação à prática, e a existência desta como últimos fundamentos e finalidade da teoria, evidenciam que a prática – concebida como uma praxis humana total – tem primazia sobre a teoria; mas esse seu primado, longe de implicar numa contraposição absoluta à teoria, pressupõe uma íntima vinculação com ela* (VÁZQUEZ, 1977: p. 234). Tal é em sua totalidade a concepção dialética do conhecimento, da unidade do saber e da ação.

## DE VOZES SUSSURRADAS!

### ESCREVENDO A LIBERDADE

Aqui, pretendemos dar voz àqueles (as) – homens e mulheres – que não a têm em um sistema de escuta, além de sua condição natural de **SUJEITOS** desprezados pelo Estado. *Dar voz a alguém ou alguéns* significa, para nós, considerar a voz como um processo enunciativo que não se refere somente ao fenômeno fonêmico humano da fala; mas também ao fenômeno da escuta dessa fala, dos efeitos de sentido que são produzidos por esta fala, das manifestações responsivas a esta fala, ou seja, é entender que esse outro fala e procura um *locus* de enunciação para existir, porque falar é existir plenamente para o outro; porque falar é o ato que dá aos oprimidos, aos subalternos, aos despossuídos a possibilidade de escapar à condição da miséria da imagem; porque falar é o primeiro passo para a invenção da cultura. Se assim é, demos, pois, aos **SUJEITOS PRESOS (AS)** a palavra para que eles (as) nos digam o que é **liberdade**. Além de suas vozes, pretendemos acrescentar outras, de autores brasileiros e estrangeiros que, em outros contextos, romperam o silêncio, falando de liberdade, de literatura, de imaginários, de silêncios, enfim, deles (as) e daquilo que fez parte de suas histórias de vida e de seus testemunhos. Escutemos e busquemos os sentidos implícitos e subentendidos de seus discursos:

**Produção dos presos do Presídio do Roger de João Pessoa (1978 – 1981)**

**Arquivo pessoal de Maria Salete Van der Poel**

### LIBERDADE

LIBERDADE É SABER CAMINHAR  
PELOS CAMINHOS DA VIDA  
MAS UM DIA EU ME PERDI  
E VIM PARAR AQUI

A ESPERANÇA A ME SUSTENTAR  
EU QUERO ME LIBERTAR  
E CANTAR A TI  
Ó LIBERDADE, LIBERDADE!

LIBERDADE DE AMAR  
LIBERDADE DE PENSAR  
LIBERDADE DE CORRER  
DE SENTIR A BRISA DO VENTO  
ABRAÇAR A VIDA  
E BEIJAR O AMOR!

### **A CELA**

AI, AI, AI, SAUDADE  
AI, AI, AI, SOLIDÃO  
VIVER NA CELA É VIVER NA ESCURIDÃO  
VIVER NA CELA É MINHA HUMILHAÇÃO

NA CELA EU NÃO VEJO O MUNDO  
MEU VIVER É UM SOFRER  
A CELA É UMA GAIOLA  
QUE PRENDE PRA VALER

A CELA É SEPULTURA  
NELA EU SOU UM MORTO VIVO  
MAS AINDA TENHO UM SONHO  
DE CANTAR ESSA CANÇÃO:  
CHEGA DE SAUDADE E DE SOLIDÃO  
NO EMBALO DO MEU SONHO  
QUERO A LIBERTAÇÃO!

### **SER PRESO**

SER PRESO É COMO SER UM HOMEM MORTO  
SER PRESO É FICAR FORA DA SOCIEDADE  
SER PRESO É VIVER ATRÁS DAS GRADES  
SER PRESO É PERDER A LIBERDADE  
LIBERDADE, LIBERDADE, LIBERDADE

## ALGEMAS (LAMENTO DECLAMADO)

ALGEMAS QUE ME PARTEM  
REPARTEM  
E MACHUCAM AS MINHAS MÃOS

ALGEMAS, A VERGONHA  
A PIOR HUMILHAÇÃO  
ALGEMAS QUE ME EMPURRAM  
E ME JOGAM NO CAMBURÃO

AI, MEU SER PUNIDO  
AI, MINHA IMAGINAÇÃO

SERÁ QUE ALGUÉM  
OUVE O MEU GEMIDO?  
CANSADO, OPRIMIDO  
NESTE CHÃO BATIDO

Passemos, agora, à voz de outros **SUJEITOS**

*... A maior, senão a única ventura, consiste na **liberdade**, hospício é uma prisão como outra qualquer, com grades e grades severas que mal permitem chegar à janela [...] Leia "O cemitério dos Vivos". Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis (BARRETO, 1956: p. 258)\**

*A partir de certo momento – mais psicológico que temporal – o prisioneiro passa a vislumbrar a saída, a hora da **liberdade**. Uma antevisão da ressurreição! A **liberdade** não significa apenas a recuperação do movimento físico. Representa também uma nova maneira de viver, um novo critério de valores, a superação de velhos hábitos [...] Doentes, sentimos o quanto vale a saúde. Presos, conhecemos o preço e, sobretudo, o valor da **liberdade** [...] Jamais eu pediria a alguém para resignar-se com a falta de **liberdade** [...] Para quem está preso a pior ilusão é a **liberdade** – funciona como miragem no deserto. É impossível ser a mesma pessoa depois de passar por tudo isso (BETTO, 2008: p. 19, 21, 161, 185)*

Aqui, é importante perceber que os discursos de Lima Barreto e Frei Betto não partem de fora, isto é, de um problema que lhes é externo. Muito pelo contrário, os narradores

---

\* Afonso Henrique de Lima Barreto chegou ao Hospício Nacional dos Alienados, localizado na Praia Vermelha, arredores de Botafogo, pelas mãos da polícia em 25 de dezembro de 1919 e saiu em 02 de fevereiro de 1920.

encontram-se em situações semelhantes a outros internos (tais como presídios), reclusos e submetidos à barbárie como os demais desventurados, seus companheiros dos presídios: este **olhar de dentro** permite ao leitor visualizar e compreender o enorme contrasenso sobre o qual se ergueram as “instituições totais” como as prisões e manicômios, não só no Brasil, mas também em outras partes do mundo, o que escancara suas origens marcadas pela segregação e, ao mesmo tempo, atreladas à necessidade social de excluir aqueles (as) que incomodam a ordem dominante.

*...Certos escritores se desculparam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de **liberdade** – talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. **Liberdade** completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer (RAMOS, s.d. p. 21)\**

*...Naquela noite, depois de fecharem os cubículos, Nise bateu na parede e ofereceu-nos, através do buraco, uma notícia: iam ser postos em **liberdade** cerca de vinte pessoas. Isso não me interessou: havia-me habituado às listas, e a ideia da Colônia deixara de apavorar-me [...] Mudança de prisão, somente. Nise não se convencia: ouvira referência a **liberdade** e acredita nisto, apesar de terem as liberdades anteriores acabado na ilha Grande (Ibidem, p. 304).*

*...A perspectiva de **liberdade** assustava-me. Em que iria ocupar-me [...] Não podia encerrar-me no pessimismo; indispensável regressar à humanidade, fiar-me nela; impossível satisfazer-me com partículas de humanidade, poeira (Ibidem, p. 286).*

Após este “passeio” pelas vozes dos presos comuns e nas figuras de três escritores brasileiros, entremos no mundo de autores estrangeiros, que viveram também a miserabilidade do cárcere:

---

\* Graciliano Ramos foi preso em 1936. Passou de cárcere em cárcere, de presídio em presídio. Jogado num porão do navio, misturado aos criminosos comuns. Foi preso sem motivo e sem culpa, e jamais foi ouvido ou acusado. Equívoco? Nada disso. Ao receber a visita de seu advogado Dr. Sobral Pinto, questionou-o sobre como este iria defendê-lo, se não havia acusação nem processo. Não sabia por que estava preso. Então, Sobral Pinto respondeu-lhe que a matéria para o prender “estava nos seus romances. Com as leis que fizeram, seus romances dariam para condená-lo”. Na verdade, o que se pretendeu ultrajar e infamar foi a cultura. Graciliano foi preso por enxergar um pouco mais porque tinha estudo, o medo e a infâmia à inteligência pelo temor do que a cultura pode realizar em favor do homem e de sua ânsia pela liberdade (Nelson Werneck Sodré, janeiro, 1954)

... Assim, a hora da **liberdade** soou grave e acachapante, e inundou, a um só tempo, as nossas almas de felicidade e doloroso sentimento de pudor, razão pela qual quiséramos lavar nossa consciência e nossa memória da sujeira que as habitava [...] Por isso, poucos dentre nós correram ao encontro dos salvadores, poucos caíram em oração (Levi, 1997: p. 12-13).\*

...Há uma guerra furiosa dentro de mim. Nasci para cantar a alegria e o orgulho de viver, os prazeres da vida, a delícia experimentada diante de tudo o que é belo no mais belo do mundo, e eles me **aprimonaram** e me **torturaram** até que eu aprendesse a aflição e a piedade. Agora não posso mais cantar a alegria, pois conheci o sofrimento e não fui feito para cantar o sofrimento (WILDE, in TODOROV, 2011: p. 56)\*\*

...Não posso remendar minha vida. Uma fatalidade pesa sobre ela. Nem para mim, nem para os outros, não sou mais uma alegria (Ibidem, p. 52). [...] Sou um problema para o qual não há solução. Mesmo saindo desse odioso lugar, sei que só poderei levar uma vida de pária – na desonra, na miséria e no desprezo (Ibidem, p. 50-52).

## DE VOZES FEMININAS SILENCIADAS

Uma explicação faz-se necessária. O período (1978-1981) que passei no Presídio do Roger correspondeu, em parte, à prática educativa ligada à dissertação\*\*\* para o Mestrado de Educação Permanente que estava fazendo na Universidade Federal da Paraíba. Após a defesa em maio de 1979, fiquei, voluntariamente, no presídio até fevereiro de 1981, quando o Governador do Estado da Paraíba, Dr. Tarcísio Burity (15/03/1979 – 14/05/1982) proibiu minha entrada no presídio. Coincidiu que, em abril de 1979, foram abertos vários concursos no recém-criado Centro de Educação para diversas disciplinas. Candidatei-me e fui aprovada com regime

\* Primo Levi (1919 - 1987). Escritor italiano, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, ultrapassou os limites do relato testemunhal ao narrar sua experiência como prisioneiros dos Nazistas. Autor inscrito no gênero da *Literatura de Testemunho*.

\*\* Oscar Wilde foi um escritor inglês. Homossexual foi vítima dos preconceitos e da hipocrisia dominante na sociedade vitoriana – que tolerava a homossexualidade desde que esta não fosse exibida e que pudesse puni-la severamente para provar a si mesma sua virtude. Wilde, pelo fato de ter assumido publicamente sua paixão por um jovem, foi processado e condenado em 1895. Saiu da prisão em 1897. Após sua saída da prisão, ele se descobre incapaz de escrever. Morre em 1900. O período entre sua libertação e morte corresponde a uma lenta e inexorável degradação, a uma decadência crescente. É como se, fora da cadeia, ele ainda permanecesse encarcerado numa prisão interior, de onde era impossível escapar. Oscar Wilde escreveu vários romances, sendo o principal deles o chamado “O Retrato de Dorian Gray”.

\*\*\* A dissertação foi, em fins de 1981, publicada com o nome *Alfabetização de Adultos. Sistema Paulo Freire: Estudo de Caso num Presídio*, hoje esgotado. Teve um grande impacto. É considerado um “clássico da educação carcerária”, principalmente, pela retomada do pensamento de Freire em plena ditadura militar, quando eu mesma estava respondendo a três Inquéritos Policiais Militares.

de dedicação exclusiva. Escolhi duas: História da Educação Brasileira e Prática de Ensino de Sociologia da Educação. Ambas tinham tudo a ver com minha vida de militante. Foi, no entanto, com a Prática de Ensino de Sociologia que, durante 17 anos, desenvolvi com estagiários (as)\* práticas educativas fora da Universidade nos mais variados lugares, entre estes, o Asilo Bom Pastor para onde as presas eram encaminhadas. Nesta época, não existia presídio feminino em João Pessoa. Só no segundo governo de José Targino Maranhão (1999 a 2002) foi construído o primeiro presídio feminino que recebeu o nome de Centro de Recuperação Feminina. O Asilo Bom Pastor era dirigido por religiosas que, diga-se de passagem, nada deixavam a desejar aos diretores dos presídios. Eram até piores que estes, devido às suas maldades, malícias e apegos aos “pecados do corpo” ligados à sexualidade, próprios às “teorias demonológicas”\*\* embasadas na doutrina católica.

Apesar de toda experiência adquirida com os presos, confesso que apanhei muito. No começo cheguei a pensar que, diante delas, os presos eram “santos”. Com o tempo, nós (eu e os (as) estagiários (as) da UFPB), meus/minhas alunos (as) fomos nos familiarizando com elas e chegamos a fazer um bom trabalho. Em sua maioria não deveriam estar ali à espera de uma decisão judicial causa de suas grandes revoltas. Sentiam-se abandonadas. E, de fato, eram, inclusive por seus parceiros e a própria família. Visitas eram uma raridade e isto concorria para seus desesperos, solidão e agressividade. Tem mais: vimos a brutalidade de parirem algemadas; a estupidez da medicação forçada que eram obrigadas a tomar e que as deixavam dopadas e dementes; omissão total de assistência judicial que lhes tiravam a perspectiva de **LIBERDADE**. E, para completar, a maneira como eram tratadas pelas religiosas. Tudo isso agravava o cotidiano trágico delas. E, para dizer a verdade, confesso que, enquanto atuei naquele espaço, jamais vi um gesto de ternura das freiras para com aquelas mulheres maltratadas, humilhadas e castigadas.

Nós (eu e os (as) estagiários (as)) conhecemos suas vidas e suas histórias. Impossível, neste espaço, dar voz a cada uma. Entre elas, destacamos a história da *Divina Zelfa* (Poel, 2018: p. 162-233) por ser a mais contundente, desafiadora, arrebatadora. Mulher de vida doída, sofreu a história em seu corpo. Passou pelas mais variadas operações ideológicas de um mecanismo terrorista de Estado, o que se movimenta, sempre no intuito de esvaziar o **sujeito**, anular seu trânsito e operar psiquicamente sua condição. Zelfa foi a julgamento. Em determinado momento do júri, ela grita:

*Quero falar! Quero falar! Contar como tudo aconteceu.  
Só quem sabe sou eu. Quero falar! Me deixem falar!  
(Idem, p. 209)*

E fala por si, por uma multidão de mulheres solitárias que, abusadas no espaço social, sobrevivem, são encarceradas e passam a constituir um dos mais perversos sistemas de abuso oficializado pelo poder e por seus “aparelhos ideológicos” (ALTHUSSER, 1985: p. 66-82). E voltando-se para o juiz e os jurados, disse:

\*Aproveito a ocasião para uma outra explicação. Na escrita deste texto empreguei, simultaneamente, a 1ª pessoa do singular e a 1ª do plural. É que a cumplicidade entre nós e os (as) **SUJEITOS**, participantes das práticas educativas eram tão fortes que o jeito foi ora usar uma forma de tratamento, ora outra, mesmo porque esta mudança em nada alterou os conteúdos da narrativa.

\*\* Hoje, as “teorias demonológicas” estão superadas, embora muitos (as) ainda se inspirem nelas por conta de preconceitos. Entretanto, a própria Igreja Católica já não as admite por conta do “princípio de legítima defesa”.

*Só espero justiça. Que o Espírito Santo ilumine a mente de cada um. Façam justiça comigo. Se existe justiça na Terra, façam justiça comigo. (Idem, p. 209)*

O júri de Zelfa iniciou-se às 14h e terminou quando os primeiros raios do sol foram invadindo o ambiente. Eram 5h30 da manhã. Uma das juradas fez a leitura, declarando que Zelfa havia sido absolvida por unanimidade em legítima defesa. A **LIBERDADE** tão desejada, enfim chegara!

## PAPEL DA LITERATURA NAS PRISÕES

### MUITO ALÉM DA RESTRIÇÃO/PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Fizemos, acima, um passeio sobre os discursos dos (as) presos (as), a fim de conhecermos o que pensam sobre a prisão e, intrinsecamente, ligada a esta, à significação da palavra **liberdade** vista sob a perspectiva deles (as) mesmos (as). Do ponto de vista literário, podemos fazer uma primeira inferência, isto é, que seus discursos constituem uma versão, uma interpretação do mundo em que vivem e nos oferecem uma outra verdade, diferente daquela dominante e aceita pelos conformados e satisfeitos com a ordem reinante. Mostram o avesso do avesso: que mal comem, mal vestem, mal vivem dadas as condições desumanas que os (as) afastam de uma produção cultural capaz de conduzi-los (as) a uma reestruturação identitária e, ao mesmo tempo, a uma tomada de consciência de sua própria situação e à consequente atitude de revolta contra um mundo que os (as) asfixia e debilita. Vista sob este ângulo podemos entender a grande necessidade que eles (as) têm de falar, de narrar, mesmo porque a narrativa é um traço indissolúvel da condição humana. Tanto que não há homem sem **linguagem**, e não há **linguagem** sem narrativa. **Falar é narrar**. E trancados (as) numa instituição fechada, eles (as) têm necessidade de narrar, mas esta narração deverá ser, acima de tudo, **RESISTÊNCIA**; não se perder de si mesmos (as); manter uma sintonia com o mundo que está fora, mostrando que o cárcere é parte deste mundo – certamente áspero, cruel, desumano, é bem verdade – mas não o mundo todo.

No entanto, o ato de narrar não pode se restringir só à **RESISTÊNCIA**. Deve ir além. Limitar a literatura que se faz dentro dos cárceres à “redução de penas”, é não permitir aos **SUJEITOS – PRESOS (AS)** e também aos leitores (as) visualizarem e compreenderem o enorme contrasenso sobre o qual se ergueram as instituições carcerárias no mundo e no Brasil, pois quando lançamos um olhar sobre a *história dessa organização* (FOUCAULT, 1977: p. 207-227), percebemos a sua origem marcada pela segregação e atrelamento à necessidade social de excluir aqueles (as) que incomodam a ordem dominante. E isto precisa ser **DENUNCIADO**. Neste sentido, como presos (as) /autores (as) / narradores (as) cabe-lhes o papel de apresentar sua versão sobre o cárcere, as dificuldades de se assumirem como Homens e Mulheres **SUJEITOS** – ali feitos personagens – e, como tal, mostrar como se reproduz um modelo perverso de exclusão, apagamento de identidade, corrupção, e degradação moral, também presente no mundo de fora do cárcere. Suprimir a **LIBERDADE** do (a) preso (a), escondê-lo (a) do restante da sociedade não é cuidar de sua recuperação e inserção na



sociedade, mas sim condená-lo (a), por antecipação, à segregação, ao abandono e, às vezes, à morte.

Por outro lado, faz-se necessário repensar sobre as estratégias da literatura que estão sendo vivenciadas nos presídios. Vejo limitações que me incomodam. Não basta ler um livro e, logo após, resenhá-lo. Isto é empobrecer a literatura e omitir dos (as) presos (as) que ela é *um fenômeno, um fato da cultura humana* (TEZZA, 2012: p. 39), que tem sentidos diferentes de acordo com o **tempo** e **espaço** histórico e também com as diferenças culturais. Eles (as) têm que apreender que suas produções e discursos estão inseridos num dado contexto socio-histórico e cultural com o qual dialogam, indicando caminhos que levam à autonomia dos **SUJEITOS** pela sua escritura e pelo fazer da palavra. Não devemos nos esquecer – principalmente aqueles (as) que estão no chão das prisões em convívio direto com presos (as) – que é justamente a **palavra** que, imbuída de poder, coloca em marcha movimentos íntimos de transformação e de ocupação de espaços de fala, dando-lhes o sentimento e a sensação de amplitude da realidade para que dela se apropriem e lutem pelos seus **direitos**.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS INCONCLUSAS

Foi-nos difícil como educadora popular militante transgressora, censurar a nós mesma, uma vez que tivemos a necessidade de cortar conteúdos que deveriam estar presentes neste texto, pelo fato destes serem de muita relevância à literatura e ao papel desta dentro dos cárceres. No fundo, ficou uma certa frustração já que se tratava de abordar algumas categorias\* que, para quem desenvolve práticas educativas diretamente com presos (as), têm necessidade de conhecê-las e o compromisso de mostrar-lhes a amplitude da **literatura** que, ao lado da **cultura** e da **arte** podem ser consideradas as maiores elaborações da história da humanidade. Juntas, são capazes de, dentro do ambiente carcerário, criar espaços para os (as) presos (as) possam constituir-se como construtores da sua **LIBERDADE**, desfazer silêncios e romper a potência devastadora de uma estrutura aparelhada de um sistema que não dá voz ao **SUJEITOS** oprimidos, despossuídos e desumanizados.

Por último, um chamamento aos que estão escrevendo sobre literatura carcerária no sentido de que assumam o compromisso de, como narradores (as), seus discursos não partam da visão das leis externas aos problemas da população carcerária. Ao contrário, sejam fruto de um olhar comprometido com os (as) desventurados (as) que ali estão. Este “olhar de dentro” vai permitir aos leitores (as) visualizar e compreender a falta de horizonte dos (as) encarcerados (as), a experiência da angústia, a dor da solidão, o ócio improdutivo, o tempo que demora a passar. Ao fazer estes registros, os (as) narradores (as) reafirmam tanto para si como para o (a) outro (a) – que será seu leitor (a) – a consciência do que se passa entre os muros das prisões. E não nos esqueçamos jamais que, é pela literatura, cultura e arte que podemos cantar, narrar, representar, parodiar, gargalhar, chorar, imaginar, entreter. Por meio delas, podemos expressar nosso amor, nossa certeza, nossa adesão ao direito de cada um (a) **dêles** (as) tem de criar e de constituir-se como **SUJEITOS** de sua própria história. Que muitos (as) como nós possamos ver que no *Cemitério dos Vivos* há momentos de poesia, de enternecimento e até de amorosidade.

\* As categorias que gostaria de ter abordado neste texto são: 1º A noção de *cronotopo* (BAKHTIN, 2018: p. 253) que significa **tempo-espaço**; 2º Os *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1992: p. 277-326); 3º *Literatura de Testamento* (LESSA, 2019: p. 6-7) muito usada no momento, nas narrativas carcerárias, embora muitos desconheçam suas modalidades; 4º *Literatura de gênero* (MACHADO, 2019: p. 2) que, a partir de 2010 consolidou-se a partir dos próprios leitores que estão se voltando cada vez mais para a literatura da imaginação, da fantasia, ficção científica e horror (Idem. 2019: p. 2-3). Teríamos outras a indicar. Mas é desejar e exigir demais. Todavia, não podemos prescindir do mínimo e não estejamos propondo dar curso de literatura aos apenados (as), mas é que eles (as) têm o direito de conhecer o melhor. E este melhor cabe, unicamente, aos seus/suas educadores (as) que estão, com eles (as) no chão das prisões.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARROYO, Miguel Gonzales. Paulo Freire: outro paradigma pedagógico? In. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 35, 07. mai. 2019 (O texto é uma reelaboração da abertura do *II Congresso Internacional Paulo Freire: O Legado Global*, promovido pela Faculdade de Educação da UFMG, no período de 28/04/2018 a 01/05/2018).

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance II: As Formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: Editora 34, 2018.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Obras Completas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *O cemitério dos vivos: memórias*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

BETTO, Frei. *Cartas da prisão, 1969 a 1973*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

CONTE, Daniel. Resenha livre da obra: POEL, Maria Salete van der. *Vidas Aprisionadas: Relatos de uma prática educativa*. In: *Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 2, p. 287-290, mai. / ago. 2019.

FANON, Franz. *Os Condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GRACILIANO, Ramos. *Memórias do cárcere*. Vol. 1. São Paulo: Círculo do Livro S.A., s. d.

\_\_\_\_\_. *Memórias do cárcere*. Vol II. 7. ed. São Paulo: Martins, 1972.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

JARA, Oscar. *A sistematização de experiências: prática e teoria para outros mundos possíveis*. Brasília, DF: CONTAG, 2012.

LESSA, Renato. A química do Primo Levi. In: *Folha de São Paulo, Ilustríssima*, 28 de jul, 2019.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

\_\_\_\_\_. *Os afogados e os sobreviventes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

MACHADO, Samir Machado de. Ficção fantástica decola e ganha altura. In; *Folha de São Paulo, Ilustríssima*, 6 de out. 2019.

MICHEL, Foucault. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

POEL, Maria Saleté van der. *Vidas aprisionadas: relatos de uma prática educativa*. São Leopoldo: OIKOS, 2018.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização de Adultos: sistema Paulo Freire: estudo de caso num presídio*. Petrópolis, 1981.

TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da praxis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1977.